

E SE O SEU FUTURO FOSSE O PASSADO?

OUTLANDER

A LIBÉLULA NO ÂMBAR

LIVRO 2



3ª temporada
de Outlander
exclusiva no

 PREMIUM
APP TV

DIANA GABALDON



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

*A meu marido, Doug Watkins,
em agradecimento pela matéria-prima*

PRÓLOGO

Acordei três vezes de madrugada. Na primeira, de tristeza, depois de alegria e, finalmente, de solidão. As lágrimas de uma profunda perda acordaram-me devagar, banhando meu rosto como o toque reconfortante de um pano úmido em mãos tranquilizadoras. Virei o rosto no travesseiro molhado e naveguei por um rio salgado para dentro das cavernas da dor lembrada, para as profundezas subterrâneas do sono.

Despertei, então, de pura alegria, o corpo arqueado nos espasmos da união física, sentindo o toque de seu corpo ainda na minha pele, morrendo ao longo dos caminhos dos meus nervos como as ondulações da consumação espalhando-se a partir do cerne do meu ser. Repeli a consciência, virando-me outra vez, buscando o cheiro pungente e penetrante do desejo satisfeito de um homem e, nos braços reconfortantes do meu amado, adormeci.

Na terceira vez, acordei sozinha, além do alcance do amor ou do sofrimento. A visão das rochas estava nítida em minha mente. Um pequeno círculo, pedras verticais no topo de uma colina verde e íngreme. O nome da colina é Craigh na Dun; a colina das fadas. Alguns dizem que a colina é encantada, outros, que é amaldiçoada. Todos têm razão. Mas ninguém conhece a função ou o propósito das pedras.

Exceto eu.

PARTE I

Através de um espelho, às escuras.
Inverness, 1968



CONFERINDO A LISTA DE COMBATENTES

Roger Wakefield parou no meio da sala, sentindo-se cercado. Achou a sensação absolutamente justificável, já que realmente *estava* cercado: de mesas abarrotadas de bibelôs e suvenires; de mobílias pesadas, no estilo vitoriano, repletas de paninhos de renda nos braços e encostos das poltronas, de capas de veludo e mantas de lã xadrez; de minúsculos tapetes trançados, espalhados pelo lustroso assoalho de madeira, arditosamente à espera de uma oportunidade para deslizar sob um pé desavisado. Cercado por doze aposentos de móveis, roupas e papéis. E livros – meu Deus, os livros!

O gabinete onde estava possuía três paredes forradas de estantes de livros, cada qual abarrotada muito além do limite de sua capacidade. Romances de mistério em brochura acumulavam-se em pilhas vistosas, espalhafatosas, em frente a tomos encadernados em couro, espremidos contra seleções do clube do livro, volumes antigos surrupiados de extintas bibliotecas, e milhares e milhares de folhetos, panfletos e manuscritos costurados à mão.

A situação não era muito diferente no restante da casa. Livros e papéis amontoavam-se em toda superfície horizontal e todos os armários rangiam e guinchavam nas dobradiças. Seu falecido pai adotivo vivera uma vida longa e plena, uns bons dez anos a mais do que os setenta que lhe eram bíblicamente designados. E em oitenta e tantos anos, o reverendo Reginald Wakefield nunca jogara nada fora.

Roger conteve o ímpeto de sair correndo porta afora, pular em seu Morris Minor e voltar para Oxford, abandonando a residência paroquial e todo seu conteúdo à mercê dos vândalos e das intempéries. Acalme-se, disse a si mesmo, inspirando fundo. Você consegue lidar com isto. Os livros são a parte mais fácil; é só questão de organizá-los, depois chamar alguém e mandar levá-los embora. É bem verdade que vão precisar de um caminhão do tamanho de um vagão de trem, mas pode ser feito. Roupas – sem problema. A Oxfam receberá o lote inteiro.

Ele não sabia o que a ONG iria fazer com um monte de ternos de sarja preta e coletes do final dos anos 1940, mas talvez os necessitados não fossem tão exigentes. Começou a respirar um pouco melhor. Havia tirado um mês de licença do departamento de história de Oxford a fim de resolver os negócios do reverendo.

Talvez, afinal de contas, isso fosse suficiente. Em seus momentos de maior depressão, parecia-lhe que a tarefa poderia levar anos.

Dirigiu-se a uma das mesas e pegou uma pequena travessa de porcelana. Estava repleta de pequenos retângulos de metal; *gaberlunzies*, os distintivos retangulares de chumbo que as paróquias forneciam aos mendigos andarilhos como uma espécie de licença para pedir esmolas. Uma coleção de garrafas de cerâmica vitrificada estava postada junto ao abajur, ao lado de uma surrada caixa de rapé, ornamentada em prata. Doá-los a um museu?, pensou em dúvida. A casa estava cheia de artefatos jacobitas; o reverendo fora um historiador amador, o século XVIII o seu território de caça favorito.

Estendeu a mão involuntariamente e seus dedos acariciaram a superfície da caixa de rapé, seguindo os contornos negros das inscrições – os nomes e datas dos Diáconos e Tesoureiros da Associação de Alfaiates de Canongate, Edimburgo, 1726. Talvez ele devesse guardar algumas das melhores aquisições do reverendo... mas em seguida recuou, balançando a cabeça decididamente.

– Nada disso, rapaz – disse em voz alta. – Isso pode levar à loucura.

Ou no mínimo à vida incipiente daqueles ratos que carregam e escondem pequenos objetos. Se começasse a guardar coisas, iria acabar ficando com tudo, morando naquela casa monstruosa, cercado de gerações de quinquilharias.

– E falando sozinho também – murmurou ele.

A ideia de gerações de entulho o fez lembrar-se da garagem, e sentiu certa prostração nos joelhos. O reverendo, que na realidade era tio-avô de Roger, adotara-o aos 5 anos, depois que seus pais morreram na Segunda Guerra Mundial: sua mãe na Blitz, seu pai nas águas escuras do Canal. Com seu usual instinto de preservação, o reverendo guardara todos os pertences dos pais de Roger, embalados em caixas de madeira e de papelão e enfiados nos fundos da garagem. Roger tinha certeza de que ninguém abrisse nenhuma daquelas caixas nos últimos vinte anos.

Roger proferiu a lamúria do Velho Testamento diante da ideia de ter que manusear toda a *memorabilia* de seus pais.

– Ah, meu Deus! – exclamou ele em voz alta. – Qualquer coisa, menos isso!

A observação não teve a intenção de ser uma prece, mas a campainha tocou como que em resposta, fazendo Roger morder a língua de susto.

A porta da casa costumava emperrar com o tempo úmido, o que significava que ficava emperrada durante a maior parte do ano. Roger libertou-a com um rangido lancinante e deparou-se com uma mulher à soleira.

– Pois não, o que deseja?

Era de altura mediana e muito bonita, dando a impressão de uma boa consti-

tuição física sob o linho branco, tudo encimado por cabelos castanhos cacheados abundantes, presos numa espécie de coque rebelde. E no meio de tudo, o mais extraordinário par de olhos claros, da cor do xerez envelhecido.

Os olhos ergueram-se rapidamente dos tênis tamanho 42 para o rosto dele, uns 30 centímetros acima do dela. O sorriso enviesado ampliou-se.

– Detesto começar logo com um clichê – disse a mulher –, mas, Santo Deus, como você cresceu, Roger!

Roger sentiu-se enrubescer. A mulher riu e estendeu a mão.

– Você é o Roger, não é? Meu nome é Claire Randall, uma velha amiga do reverendo. Mas não vejo você desde que tinha 5 anos.

– Hã... a senhora disse que *era* uma amiga do meu pai? Então já sabe...

O sorriso desapareceu, substituído por um ar de tristeza.

– Sim, lamentei profundamente a notícia. Coração, não foi?

– Hã, sim. Muito repentino. Acabo de chegar de Oxford para começar a lidar com... tudo. – Abanou a mão vagamente, englobando a morte do reverendo, a casa às suas costas e todo seu conteúdo.

– Pelo que eu me lembro da biblioteca de seu pai, a pequena tarefa deve ocupá-lo até o próximo Natal – observou Claire.

– Nesse caso, talvez não devêssemos estar perturbando-o – disse uma voz doce, com sotaque americano.

– Ah, me esqueci – disse Claire, virando-se parcialmente para a jovem que até então se mantinha fora do campo de visão de Roger, no canto do pórtico de entrada. – Roger Wakefield, minha filha, Brianna.

Brianna Randall deu um passo à frente, um sorriso tímido. Roger fitou-a por um instante, depois se lembrou de suas boas maneiras. Recuou um passo e abriu a porta de par em par, perguntando-se exatamente quando ele havia trocado a camisa.

– De modo algum, de modo algum! – disse ele, fervorosamente. – Estava mesmo querendo fazer uma pausa. Entrem, por favor.

Fez um gesto, sinalizando para que as duas mulheres seguissem pelo corredor em direção ao gabinete do reverendo, notando que a filha, além de ser razoavelmente atraente, era uma das jovens mais altas que ele já vira de perto. Ela devia ter facilmente mais de um metro e oitenta, pensou, vendo sua cabeça no mesmo nível do topo do porta-chapéus do vestíbulo quando ela passou por ele. Inconscientemente, ele empertigou-se, alcançando toda a sua altura de um metro e noventa e dois. No último instante, abaixou-se, para não bater a cabeça na viga da porta do gabinete quando entrou no aposento, seguindo as mulheres.

•••

– Eu queria ter vindo antes – disse Claire, acomodando-se melhor na enorme poltrona bergère.

A quarta parede do gabinete do reverendo tinha janelas que iam do chão ao teto, e a luz do sol cintilava do prendedor de pérolas em seus cabelos castanho-claros. Os cachos começavam a se desprender de seu confinamento e ela distraidamente enfiou um deles atrás da orelha enquanto falava.

– Na verdade, já tinha providenciado tudo para vir no ano passado, mas houve uma emergência no hospital em Boston. Eu sou médica – explicou ela, sorrindo discretamente diante do olhar de surpresa que Roger não conseguiu disfarçar. – Mas lamento não ter vindo. Queria muito ter visto seu pai outra vez.

Roger perguntou-se por que teriam vindo agora, sabendo que o reverendo estava morto, mas pareceu-lhe indelicado questionar. Em vez disso, perguntou:

– Vieram passear um pouco, então?

– Sim, viemos de carro de Londres – respondeu Claire. Sorriu para a filha. – Queria que Bree conhecesse o país. Você não imaginaria, ouvindo-a falar, mas ela é tão inglesa quanto eu, embora nunca tenha morado aqui.

– É mesmo? – Roger lançou um olhar para Brianna. Ela de fato não parecia inglesa, pensou; fora a altura, possuía uma vasta cabeleira ruiva, solta sobre os ombros, e rosto de traços fortes e angulosos, com o nariz longo e reto, talvez um pouco comprido demais.

– Nasci nos Estados Unidos – explicou Brianna –, mas tanto meu pai quanto minha mãe são... eram... ingleses.

– Eram?

– Meu marido morreu há dois anos – explicou Claire. – Você o conheceu, eu acho. Frank Randall.

– *Frank* Randall! Claro! – Roger deu um tapa na testa e sentiu seu rosto esquentando quando Brianna deu uma risadinha. – Devem me achar um completo idiota, mas acabo de me lembrar de vocês.

O nome explicava muita coisa; Frank Randall fora um eminente historiador e um grande amigo do reverendo; durante anos, trocaram informações secretas sobre os jacobitas, embora fizesse pelo menos dez anos desde a última visita de Frank Randall à residência paroquial.

– E então, vão visitar os locais históricos perto de Inverness? – arriscou Roger. – Já estiveram em Culloden?

– Ainda não – respondeu Brianna. – Pensamos em ir mais para o final da semana. – Seu sorriso em resposta foi apenas cordial, nada mais.

– Marcamos um passeio pelo lago Ness hoje à tarde – explicou Claire. – E tal-

vez viajemos de carro até Fort William amanhã ou fiquemos apenas andando por Inverness. A cidade cresceu muito desde a última vez em que estive aqui.

– E quando foi? – Roger imaginou se deveria oferecer seus serviços como guia turístico. Na realidade, não deveria perder tempo, mas os Randall tinham sido grandes amigos do reverendo. Além do mais, uma viagem de carro a Fort William na companhia de duas mulheres encantadoras parecia uma perspectiva muito mais atraente do que limpar a garagem, que era a tarefa seguinte em sua lista.

– Ah, há mais de vinte anos. Já faz muito tempo. – Houve um tom estranho na voz de Claire que fez Roger olhar para ela, mas ela fitou seus olhos com um sorriso.

– Bem – arriscou ele –, se houver alguma coisa que eu possa fazer por vocês enquanto estiverem nas Terras Altas...

Claire ainda estava sorrindo, mas algo em seu rosto mudou. Ele chegou a pensar que ela estivera esperando uma abertura. Ela lançou um olhar para Brianna, depois se voltou de novo para Roger.

– Já que tocou no assunto – disse ela, o sorriso ampliando-se.

– Ah, mamãe! – exclamou Brianna, empertigando-se na cadeira. – Não vá incomodar o sr. Wakefield! Olhe só quanta coisa ele tem a fazer! – Abanou a mão abarcando o gabinete atulhado, com suas caixas abarrotadas e infindáveis pilhas de livros.

– Ah, não é incômodo nenhum! – protestou Roger. – Então... do que se trata?

Claire lançou um olhar de reprimenda à filha.

– Eu não estava pretendendo dar uma pancada na cabeça dele e arrastá-lo daqui – disse ela, ironicamente. – Mas ele pode muito bem conhecer alguém que possa ajudar. É um pequeno projeto histórico – explicou a Roger. – Preciso de alguém que seja bem versado nos jacobitas do século XVIII. O príncipe Charles Edward Stuart e todo aquele pessoal.

Roger inclinou-se para a frente, interessado.

– Jacobitas? – disse ele. – Esse período não é uma das minhas especialidades, mas sei um pouco a respeito. Difícil não saber, morando tão perto de Culloden. Foi onde a última batalha foi travada, conforme já deve saber – explicou a Brianna. – Onde os partidários do príncipe Charles se confrontaram com o duque de Cumberland e foram completamente massacrados.

– Exato – disse Claire. – E isso, de fato, tem a ver com o que desejo descobrir.

– Enfiou a mão na bolsa e retirou um papel dobrado.

Roger abriu-o e passou os olhos pelo conteúdo. Era uma lista de nomes, talvez uns trinta, todos homens. No alto da folha, havia um cabeçalho: REVOLUÇÃO JACOBITA, 1745 – CULLODEN.

– Ah, a rebelião de 45? – disse Roger. – Esses homens lutaram em Culloden, não foi?

– Sim – respondeu Claire. – O que eu quero descobrir é quantos homens desta lista sobreviveram àquela batalha.

Roger esfregou o queixo enquanto lia a lista.

– É uma pergunta simples – disse ele –, mas a resposta pode ser difícil de ser encontrada. A quantidade de homens dos clãs das Terras Altas que seguiam o príncipe Charles mortos no campo de batalha de Culloden foi tão alta que eles não foram enterrados individualmente. Acabaram colocados em sepulturas coletivas, com uma única pedra gravada com o nome do clã como marco.

– Eu sei – disse Claire. – Brianna não esteve lá, mas eu estive... há muito tempo. – Ele pensou ter vislumbrado uma sombra fugaz atravessando os olhos dela, embora tivesse sido rapidamente ocultada quando ela voltou a enfiar a mão na bolsa. Não era de se admirar, pensou. O Campo de Culloden era um lugar emocionante; ele mesmo chorou ao ver aquela grande extensão de terra pantanosa e lembrar-se da bravura e da coragem dos escoceses das Terras Altas que jaziam massacrados sob o capim.

Ela desdobrou várias outras folhas datilografadas e entregou-as a ele. Um dedo longo e branco percorreu a margem de uma das folhas. Belas mãos, observou Roger; delicadamente torneadas, bem-cuidadas, com uma única aliança em cada mão. A de prata na mão direita chamava especialmente a atenção; uma aliança jacobita larga, no padrão entrelaçado das Terras Altas, adornada com flores de cardo.

– Esses são os nomes das esposas, pelo que sei. Achei que isso talvez pudesse ajudar, já que se os maridos tiverem sido mortos em Culloden, provavelmente veríamos essas mulheres se casando de novo ou emigrando para outro lugar mais tarde. Esses registros com toda a certeza devem existir nos livros da paróquia, não? São todos da mesma paróquia. A igreja ficava em Broch Mordha, a uma boa distância ao sul daqui.

– É uma ideia bastante útil – disse Roger, ligeiramente surpreso. – É o tipo de coisa na qual um historiador teria pensado.

– Não sou nenhuma historiadora – disse Claire secamente. – Por outro lado, quando se vive com um, aprende-se alguns truques.

– Sem dúvida. – Um pensamento ocorreu a Roger e ele se levantou de sua cadeira. – Estou sendo um péssimo anfitrião; por favor, permita-me servir-lhes um drinque e depois podem me contar mais a respeito disso. Talvez eu mesmo possa ajudá-las.

Apesar da desordem, ele sabia onde as garrafas de bebidas ficavam guardadas

e rapidamente suas visitas estavam servidas de uísque. Colocou bastante soda no uísque de Brianna, mas notou que ela apenas o tocou com os lábios, como se seu copo contivesse formicida em vez do melhor Glenfiddich de puro malte. Claire, que pedira seu uísque puro, parecia apreciá-lo bem mais.

– Bem. – Roger retomou seu lugar e pegou os papéis outra vez. – É um problema interessante, em termos de pesquisa histórica. Disse que esses homens pertenciam à mesma paróquia? Devem ter pertencido a um único clã ou tribo. Vejo que vários tinham o sobrenome Fraser.

Claire balançou a cabeça afirmativamente, as mãos cruzadas no colo.

– Vinham todos da mesma propriedade, uma pequena fazenda nas Terras Altas chamada Broch Tuarach e conhecida na região como Lallybroch. Faziam parte do clã Fraser, embora nunca tenham jurado lealdade formalmente a lorde Lovat como chefe. Esses homens participaram da Revolução desde o início, lutando na Batalha de Prestonpans, enquanto os homens de Lovat só chegaram pouco antes de Culloden.

– É mesmo? Interessante. – Em circunstâncias normais do século XVIII, esses pequenos arrendatários teriam morrido onde viviam, sido sepultados lado a lado no cemitério da vila e cuidadosamente incluídos nos registros da paróquia. Entretanto, a tentativa do príncipe Charles de recuperar o trono da Escócia em 1745 interrompeu o curso normal dos acontecimentos de modo drástico.

Na fome que se seguiu ao desastre de Culloden, muitos escoceses das Terras Altas emigraram para o Novo Mundo, outros foram abandonando os desfiladeiros e os pântanos em direção às cidades, em busca de alimento e emprego. Alguns permaneceram, agarrando-se teimosamente às suas terras e tradições.

– Daria um artigo fascinante – disse Roger, pensando em voz alta. – Seguir o destino de um grupo de indivíduos, descobrir o que aconteceu a cada um deles. Seria menos interessante se todos tivessem *realmente* morrido em Culloden, mas é provável que alguns tenham conseguido escapar. – Estaria disposto a aceitar o projeto como uma trégua bem-vinda ainda que não tivesse sido Claire Randall quem tivesse pedido.

– Sim, acho que posso ajudá-la com isso – disse ele, sentindo-se recompensado com o sorriso caloroso com que ela o brindou.

– Verdade? Que maravilha! – exclamou ela.

– Será um prazer – disse Roger. Dobrou o papel e colocou-o sobre a mesa. – Vou começar logo a trabalhar nisso. Mas, diga-me, como foi a viagem de Londres até aqui?

A conversa versou sobre questões gerais, conforme as mulheres Randall pre-

senteavam-no com histórias de sua viagem transatlântica e do trajeto de carro de Londres até ali. A atenção de Roger desviou-se ligeiramente quando ele começou a planejar a pesquisa para aquele projeto. Sentia-se levemente culpado por tê-lo aceitado; na verdade, não devia comprometer seu tempo. Por outro lado, era um assunto interessante. E talvez ele pudesse aliar o projeto à necessária tarefa de limpeza do material do reverendo; ele sabia com certeza que havia quarenta e oito caixas de papelão na garagem, todas etiquetadas JACOBITAS, MISCELÂNEA. A simples lembrança desse fato foi suficiente para provocar nele uma sensação de vertigem.

Com um violento esforço, arrancou a mente da garagem, descobrindo, então, que a conversa sofrera uma mudança brusca de rumo.

– Druidas? – Roger sentia-se tonto. Espiou com desconfiança dentro do copo, tentando verificar se havia realmente acrescentado soda à sua bebida.

– Não ouviu falar deles? – Claire pareceu ligeiramente decepcionada. – Seu pai, o reverendo, os conhecia, embora apenas extraoficialmente. Talvez achasse que não valia a pena contar-lhe; ele considerava o assunto uma espécie de piada.

Roger coçou a cabeça, despenteando os cabelos negros e espessos.

– Não, honestamente não me lembro. Mas tem razão, ele não devia achar que o assunto fosse sério.

– Bem, não tenho certeza se é. – Ela cruzou as pernas. Um raio de sol cintilou ao longo de sua meia de seda, ressaltando a delicadeza da ossatura longilínea. – Quando estive aqui pela última vez com Frank... Meu Deus, isso foi há 23 anos!... o reverendo disse-lhe que havia um grupo local de, bem, druidas modernos, acho que podem ser chamados assim. Não faço a menor ideia da autenticidade desse grupo. É provável que não sejam mesmo genuínos.

Brianna estava inclinada para a frente agora, interessada, o copo de uísque esquecido entre as mãos.

– O reverendo não podia reconhecê-los oficialmente... por causa de paganismo e tudo isso, você sabe... mas sua governanta, a sra. Graham, estava envolvida com o grupo, então ele ouvia falar de suas andanças de vez em quando e dera uma dica a Frank de que haveria uma espécie de cerimônia no amanhecer do Beltane, isto é, no Primeiro de Maio.

Roger meneou a cabeça, tentando adaptar-se à ideia da velha sra. Graham, aquela mulher extremamente digna e respeitável, participando de rituais pagãos e dançando em volta de círculos de pedras ao nascer do sol. Tudo que ele próprio conseguia se lembrar de cerimônias druidas era que algumas delas envolviam queimar vítimas em gaiolas de vime, em sacrifício, o que parecia um comportamento ainda mais improvável para uma senhora escocesa e presbiteriana de idade avançada.

– Há um círculo de pedras verticais no topo de uma colina, bem perto daqui. Então nós fomos lá antes do nascer do sol para... bem, espioná-las – continuou ela, encolhendo os ombros, como se quisesse se desculpar. – Sabe como são os acadêmicos, não têm nenhum escrúpulo quando se trata do próprio campo de trabalho, quanto mais uma noção de sensibilidade social.

Roger contraiu-se ligeiramente diante de tal observação, mas balançou a cabeça, concordando a contragosto.

– E lá estavam elas – disse Claire. – Inclusive a sra. Graham, todas enroladas em lençóis brancos, entoando cânticos e dançando no meio do círculo de pedras. Frank ficou fascinado – acrescentou com um sorriso. – E realmente *era* impressionante, até para mim.

Parou por um instante, observando Roger de forma especulativa.

– Ouvi dizer que a sra. Graham faleceu há alguns anos. Mas imagino... sabe se ela possuía algum parente? Acredito que a participação nesses grupos geralmente seja hereditária, talvez haja uma filha ou neta que possa me contar um pouco a respeito.

– Bem – disse Roger devagar. – Há uma neta, seu nome é Fiona, Fiona Graham. Na realidade, ela veio dar uma ajuda aqui na casa depois que a avó morreu. O reverendo estava de fato muito idoso para ficar totalmente sozinho aqui.

Se havia alguma coisa capaz de afastar sua visão da sra. Graham dançando envolta num lençol, era a ideia de Fiona, de 19 anos, como guardiã de uma antiga sabedoria mística, mas Roger refez-se heroicamente e continuou:

– Receio que ela não esteja aqui no momento. Mas eu poderia mandar chamá-la para vir falar com você.

Claire abanou a mão delgada, descartando a ideia.

– Não precisa se incomodar. Uma outra hora. Nós já tomamos demais do seu tempo.

Para desalento de Roger, ela colocou o copo vazio na mesinha entre as cadeiras e Brianna acrescentou seu próprio copo, ainda cheio, demonstrando o que lhe pareceu uma certa ânsia. Ele notou que Brianna Randall roía as unhas. Essa pequena prova de imperfeição lhe deu coragem para dar o próximo passo. Ela o intrigava e ele não queria que ela fosse embora sem ter certeza de que voltaria a vê-la.

– Por falar em círculos de pedra – disse ele rapidamente –, acho que conheço o que você mencionou. É um belo cenário e não fica muito longe da cidade. – Sorriu diretamente para Brianna Randall, notando que ela possuía três pequenas sardas no alto da maçã do rosto. – Acho que vou começar este projeto com uma viagem até Broch Tuarach. Fica na mesma direção do círculo de pedras, então talvez... aaahh!

Com um movimento brusco e repentino de sua volumosa bolsa, Claire Randall lançou os dois copos de uísque para longe da mesa, encharcando o colo e as coxas de Roger de uísque puro e muita soda.

– Ah, sinto muito – desculpou-se ela, obviamente envergonhada. Abaixou-se e começou a recolher os pedaços de cristal estilhaçado, apesar dos esforços não muito coerentes de Roger para tentar impedi-la.

Brianna, aproximando-se para ajudar com um punhado de guardanapos de linho que pegara de cima do aparador, dizia:

– Francamente, mamãe, não sei como é que deixam você fazer cirurgias. Não dá para confiar a você nada menor do que uma cesta de pão. Veja, você encharcou os sapatos dele de uísque! – Abaixou-se no chão e começou a enxugar energicamente o uísque derramado, catando também os fragmentos de cristal. – E as calças também!

Arrancando um novo guardanapo da pilha sobre seu braço, ela lustrou com cuidado as pontas dos sapatos de Roger, a cabeleira ruiva flutuando de forma delirante em torno de seus joelhos. Sua cabeça erguia-se enquanto espreitava as coxas de Roger, aplicando o guardanapo nas manchas molhadas no veludo das suas calças com energia. Roger cerrou os olhos e pensou freneticamente em terríveis colisões de carros na autoestrada, em formulários de imposto de renda e em monstros devoradores do espaço – qualquer coisa que o impedisse de dar um completo vexame enquanto o hálito quente de Brianna Randall penetrava como uma névoa pelo tecido molhado de suas calças.

– Hummm... talvez seja melhor você mesmo terminar de limpar. – A voz veio de algum lugar ao nível de seu nariz e ele abriu os olhos, deparando-se com um par de olhos de um azul profundo fitando-o acima de um amplo sorriso. Segurou frouxamente o guardanapo que ela lhe oferecia, respirando como se tivesse acabado de ser perseguido por um trem.

Abaixando a cabeça para esfregar as calças, viu Claire Randall observando-o com uma expressão mista de compaixão e divertimento. Não havia nada mais visível em sua expressão; nada daquele lampejo que achara ter visto em seus olhos logo antes da catástrofe. Perturbado como estava, provavelmente não passara de produto de sua imaginação, pensou. Afinal, por que ela haveria de fazer aquilo de propósito?

– Desde quando você se interessa por druidas, mamãe? – Brianna parecia disposta a encontrar algo hilário na ideia; eu a vira mordendo a parte interna das bochechas enquanto eu conversava com Roger Wakefield, e o sorriso que ela disfarçara na ocasião agora estava estampado em seu rosto. – Vai levar seu próprio lençol e se unir a elas?

– Deve ser mais interessante do que as reuniões da equipe do hospital toda quinta-feira – disse. – Porém, um pouco frio.

Ela soltou um riso chiado, assustando dois pássaros grandes, dois chapins-reais de cabeça preta, do caminho à nossa frente.

– Não – disse, retornando ao ar sério. – Meu interesse não é tanto pelas mulheres druidas. Há uma pessoa que eu conhecia na Escócia que gostaria de encontrar, se puder. Não tenho o endereço dela, não tenho contato com ela há mais de vinte anos, mas ela se interessava por coisas estranhas como magia negra, crenças antigas, folclore. Esse tipo de coisa. Houve uma época em que morou perto daqui; achei que se ainda estivesse pela região, pudesse estar envolvida com um grupo como esse.

– Qual o nome dela?

Balancei a cabeça, agarrando o prendedor de cabelo frouxo que escorregava pelos meus cachos. Ele deslizou pelo meio dos meus dedos e caiu no capim alto à margem do caminho.

– Droga! – exclamei, inclinando-me para procurá-lo. Meus dedos estavam trêmulos enquanto tateava pelos talos densos tendo dificuldade para recuperar o prendedor, escorregadio com a umidade do capim molhado. A lembrança de Geillis Duncan me deixava nervosa, mesmo agora.

– Não sei – respondi, afastando os cachos do meu rosto afogueado. – Quer dizer, faz tanto tempo, tenho certeza de que deve ter um nome diferente agora. Ela era viúva; deve ter se casado outra vez ou estar usando seu nome de solteira.

– Ah. – Brianna perdeu o interesse no assunto e continuou a caminhar em silêncio por algum tempo. De repente, disse: – O que achou de Roger Wakefield, mamãe?

Lancei-lhe um olhar; suas bochechas estavam rosadas, mas podia ser por causa do vento da primavera.

– Parece um bom rapaz – respondi com cautela. – Sem dúvida, é inteligente; é um dos mais jovens professores de Oxford. – Sobre a sua inteligência, eu já sabia; perguntava-me se ele teria alguma imaginação. Geralmente, os tipos cultos e estudiosos não tinham. Mas um pouco de imaginação seria útil.

– Os olhos dele são incríveis – disse Brianna, ignorando sonhadora-mente a questão da inteligência. – Não são os mais verdes que já vi?

– Sim, são impressionantes – concordei. – Sempre foram assim. Lembro-me de que me chamaram a atenção quando o conheci em criança.

Brianna olhou para mim, franzindo o cenho.

– Francamente, mamãe! Você tinha que dizer: “Meu Deus, como você cresceu”, quando ele nos atendeu à porta? Que vergonha!

Eu ri.

– Bem, a última vez em que o vi ele batia na altura do meu umbigo, e de repente me vejo levantando a cabeça para ver seu nariz – disse, defendendo-me. – Não pude deixar de observar a diferença.

– Mamãe! – Mas ela ria alegremente.

– Ele também tem um bumbum muito bonito – acrescentei, só para fazê-la continuar a rir. – Notei quando se inclinou para pegar o uísque.

– Mããããeeee! As pessoas vão ouvi-la!

Havíamos chegado ao ponto de ônibus. Havia duas ou três mulheres e um senhor idoso de terno de tweed de pé junto à placa; viraram-se para olhar para nós quando nos aproximamos.

– É aqui o ponto de ônibus de turismo para o lago Ness? – perguntei, passando os olhos pela confusa profusão de anúncios e avisos pregados na tabuleta.

– Ah, é, sim – respondeu uma das senhoras amavelmente. – Deve chegar em mais ou menos dez minutos.

Ela olhou Brianna de cima a baixo, tão obviamente americana em suas calças jeans e jaqueta branca. O detalhe patriótico final era acrescentado pelo rosto afogueado, vermelho por causa do riso preso.

– Vão visitar o lago Ness? É a primeira vez?

Sorri para ela.

– Desci o lago de barco com meu marido há vinte e poucos anos, mas esta é a primeira viagem de minha filha à Escócia.

– Ah, é mesmo? – Isso atraiu a atenção das outras senhoras que se amontoaram à nossa volta, repentinamente acolhedoras, oferecendo sugestões e fazendo perguntas, até que o enorme ônibus amarelo dobrou a esquina, soltando descargas do motor.

Brianna parou antes de subir os degraus, admirando o pitoresco desenho das curvas verdes em forma de serpentina, ondulando por um lago de tinta azul cercado de pinheiros negros.

– Isso vai ser divertido – disse ela, rindo. – Acha que veremos o monstro?

– Nunca se sabe – respondi.

• • •

Roger passou o restante do dia em estado de abstração, vagando distraidamente de uma tarefa a outra. Os livros a serem empacotados para doação à Sociedade de Preservação de Antiguidades escorregavam de sua caixa cheia demais; a velha caminhonete do reverendo estava parada na entrada da casa com o capô aberto, no meio de uma inspeção do motor; e uma xícara pela metade de chá com leite sem a nata jazia junto ao seu cotovelo, enquanto ele fitava, com olhos vidrados e inexpressivos, a chuva que caía no início da noite.

Ele deveria dar cabo da tarefa de dismantelar o âmagô do gabinete do reverendo. Não os livros; por mais penosa que fosse a empreitada, era apenas uma questão de decidir quais guardar para si mesmo e quais despachar para a SPA ou para a velha biblioteca da universidade do reverendo. Não, mais cedo ou mais tarde ele teria que enfrentar a enorme escrivaninha, com papéis saindo de cada uma das imensas gavetas e projetando-se de suas dezenas de escaninhos. Ele teria que retirar, organizar e desfazer-se de toda a quinquilharia que decorava a parede de cortiça de um dos lados do aposento. Uma missão capaz de assombrar o mais destemido dos espíritos.

Além da total falta de vontade de iniciar a tediosa tarefa, Roger era contido por outro fator. Ele *não queria* estar fazendo tudo aquilo, por mais necessário que fosse; queria estar trabalhando no projeto de Claire Randall, seguindo o rastro dos homens dos clãs que lutaram em Culloden.

Era um projeto interessante por si só, embora provavelmente um trabalho de pesquisa sem grande valor. Mas não era esse o motivo. Não, pensou, se quisesse ser sincero consigo mesmo: ele queria dedicar-se ao projeto de Claire Randall para poder ir à pousada da sra. Thomas e colocar seus resultados aos pés de Brianna Randall, como os cavaleiros faziam com as cabeças de dragões. Ainda que não obtivesse resultados dessa escala, ansiava ardentemente por um pretexto para vê-la e conversar com ela outra vez.

Ela o fazia lembrar-se de uma pintura de Bronzino, concluiu. Tanto ela quanto sua mãe davam uma estranha impressão de terem sido de algum modo delineadas, desenhadas com pinceladas tão vigorosas e com detalhes tão delicados que se destacavam do fundo, como se tivessem sido esculpidas na paisagem. Mas Brianna possuía aquelas cores vivas e aquele ar de absoluta presença física que fazia as modelos de Bronzino parecerem segui-lo com os olhos, prestes a falar de suas molduras. Nunca vira uma pintura de Bronzino fazendo caretas diante de um copo de uísque, mas se houvesse uma, tinha certeza de que seria exatamente como Brianna Randall.

Bem, pro inferno – disse ele em voz alta. – Não vai levar tanto tempo assim para dar uma espiada nos registros da Casa Culloden amanhã, certo? Quanto a você – disse, dirigindo-se à escrivaninha e sua profusa carga –, pode esperar mais

um dia. E você também – disse à parede, retirando desafiadoramente um romance policial da estante. Olhou à sua volta de forma beligerante, como se desafiando todas as peças do mobiliário a objetar, mas não se ouviu nenhum som além do zumbido do aquecedor elétrico. Desligou-o e, com o livro embaixo do braço, deixou o gabinete, apagando a luz.

Um minuto depois, retornou, atravessando o aposento no escuro, e resgatou a lista de nomes de cima da mesa.

– Bem, pro inferno! – exclamou ele outra vez, enfiando o papel no bolso da camisa. – Não vou querer esquecer a maldita lista pela manhã. – Deu um tapinha no bolso, sentindo o papel estalar bem em cima do seu coração, e subiu para a cama.

Voltamos do lago Ness ofegantes por causa do vento e enregeladas pela chuva para o reconfortante aconchego de uma comida quente e uma lareira acesa na sala de estar. Brianna começara a bocejar em cima dos ovos mexidos e logo desculpou-se e subiu para tomar um banho quente. Permaneci na sala por mais alguns instantes, conversando com a sra. Thomas, a dona da pousada, e já eram quase dez horas quando subi para o meu próprio banho e minha camisola.

Brianna costumava dormir cedo e acordar cedo; sua respiração suave saudou-me quando abri a porta do quarto. Ela dormia cedo e também dormia profundamente; movimenteimei-me com todo cuidado pelo quarto, pendurando minhas roupas e arrumando nossos pertences, mas não havia risco de acordá-la. A casa foi ficando silenciosa conforme eu fazia minhas arrumações, de modo que o murmúrio de meus movimentos começou a parecer alto demais aos meus ouvidos.

Trouxera comigo vários livros de Frank, pretendendo doá-los à biblioteca de Inverness. Estavam habilmente arrumados no fundo de minha mala, formando uma base para os itens que estavam em cima, os mais passíveis de serem amassados. Retirei-os um a um, colocando-os sobre a cama. Cinco volumes encadernados, brilhantes em suas capas protetoras de plástico transparente. Objetos pesados, sólidos; quinhentas ou seiscentas páginas cada um, fora os índices e ilustrações.

Eram as Obras Completas de meu falecido marido, nas edições comentadas. Os elogios da crítica cobriam as orelhas da sobrecapa, com os comentários de cada renomado especialista na área de história. Nada mau para a obra de toda uma vida, pensei. Um feito do qual se orgulhar. Compacto, sólido, altivo.

Empilhei os livros cuidadosamente sobre a mesa ao lado de minha mala, a fim de não esquecê-los pela manhã. Os títulos nas lombadas eram diferentes, é claro, mas empilhei-os de modo que os nomes “Frank W. Randall” nas extremidades ficassem alinhados de modo uniforme, um acima do outro. Reluziam como uma joia na pequena poça de luz formada pelo abajur da mesinha de cabeceira.

A pousada estava em silêncio; ainda não era a alta estação e os poucos hóspedes existentes já haviam se recolhido há muito tempo. Na outra cama de solteiro, a respiração de Brianna fez um leve ruído e ela se virou, deixando longas mechas de cabelos ruivos cobrirem seu rosto adormecido. Um pé longo e nu projetava-se de debaixo das cobertas e eu o cobri delicadamente.

O impulso de tocar uma criança adormecida nunca desaparece, ainda que a criança seja muito maior do que a mãe, e ela mesma uma mulher – ainda que jovem. Alisei seus cabelos para trás, afastando-os do rosto, e acariciei sua cabeça. Ela sorriu em seu sono, um breve reflexo de satisfação, desfeito quase no mesmo instante em que surgiu. Meu próprio sorriso demorou-se enquanto eu a observava. Sussurrei aos seus ouvidos surdos de sono, como já fizera tantas outras vezes:

– Meu Deus, você é tão parecida com ele.

Engoli em seco, para livrar-me do nó que se formava em minha garganta – já se tornara quase um hábito, a essa altura – e peguei meu penhoar nas costas da cadeira. Fazia um frio glacial nas Terras Altas escocesas em abril, mas eu não estava pronta ainda para procurar o santuário acolhedor da minha cama de solteiro.

Eu havia pedido à proprietária para deixar a lareira acesa na sala de estar, assegurando-lhe de que apagaria o fogo antes de me recolher. Fechei a porta devagar, ainda observando os longos membros esparramados na cama, as cascatas de sedosos cabelos ruivos derramadas na colcha azul de matelassê.

– Também não é nada mau para a obra de uma vida inteira – sussurrei para o corredor escuro. – Talvez não tão compacta, mas absolutamente altiva.

A pequena sala de estar estava às escuras e acolhedoramente aquecida, o fogo reduzido ao clarão estável de uma chama ao longo da espinha dorsal da tora principal. Puxei uma pequena poltrona para a frente da lareira e apoiei os pés na grade de proteção. Dava para ouvir todos os pequenos e costumeiros sons da vida moderna à minha volta; o zumbido surdo da geladeira no subsolo, o chiado e o murmúrio do aquecimento

central, que fazia da lareira um conforto, não uma necessidade; o ronco rápido e abafado de um ou outro carro na rua.

Entretanto, sob tudo aquilo, havia o profundo silêncio de uma noite das Terras Altas. Fiquei sentada absolutamente imóvel, tentando senti-lo. Fazia vinte anos que o sentira pela última vez, mas o poder calmante da escuridão ainda estava lá, protegido entre as montanhas.

Enfiei a mão no bolso do meu penhoar e retirei a folha de papel dobrada – uma cópia da lista que eu dera a Roger Wakefield. Estava escuro demais para ler na claridade fraca do fogo da lareira, mas eu não precisava ver os nomes. Desdobrei o papel sobre meu joelho recoberto de seda e permaneci ali, sentada, olhando cegamente as linhas de caligrafia ilegível. Corri os dedos devagar sobre o papel, murmurando o nome de cada um dos homens para mim mesma, como uma prece. Eles pertenciam à fria noite de primavera, mais do que eu. Mas continuei fitando as chamas, deixando a escuridão lá de fora vir preencher os espaços vazios dentro de mim.

E pronunciando seus nomes como se os invocasse, comecei a dar os primeiros passos para trás, atravessando o vazio da escuridão em direção ao lugar onde me aguardavam.

2

A TRAMA SE COMPLICA

Roger deixou a Casa Culloden na manhã seguinte com doze páginas de anotações e uma sensação crescente de assombro. O que a princípio parecera uma tarefa razoavelmente simples de pesquisa histórica, agora estava apresentando algumas reviravoltas certamente muito estranhas.

Ele encontrara apenas três dos nomes da lista de Claire Randall na relação de mortos em Culloden. Isso, por si só, não era nada extraordinário. O exército de Charles Stuart raramente tivera uma relação coerente de alistamento, uma vez que os chefes de clãs aparentemente se uniam ao príncipe quando lhes dava na veneta e muitos iam embora sem nenhum aviso prévio, antes que os nomes de seus homens pudessem ser inscritos em qualquer documento oficial. Os registros do exército das Terras Altas, desordenados, para dizer o mínimo, haviam praticamente se desintegrado nos últimos dias da Revolução; afinal, não fazia sentido manter uma folha de pagamentos se não havia como pagar aos homens inscritos.

Encolheu o corpo longilíneo com todo o cuidado e enfiou-se no seu velho Morris, abaixando a cabeça automaticamente para não bater no teto. Tirando a pasta de debaixo do braço, abriu-a e examinou as páginas que copiara, franzindo a testa. O estranho é que quase todos os homens da listagem de Claire realmente *tinham* aparecido em outra lista do exército.

Nos diferentes escalões do regimento de um determinado clã, os homens podem ter desertado assim que as dimensões do iminente desastre se tornavam evidentes; não teria sido nada incomum. Não, o que tornava todo o problema tão incompreensível era que os nomes na lista de Claire haviam aparecido – completos e por extenso – como parte do regimento do senhor de Lovat, enviado no fim da campanha para cumprir uma promessa de apoio feita aos Stuart por Simon Fraser, lorde Lovat.

Entretanto, Claire afirmara com convicção – e uma olhada nas folhas originais confirmava isso – que esses homens eram todos provenientes de uma pequena propriedade chamada Broch Tuarach, bem ao sul e a oeste das terras dos Fraser – na verdade, nos limites das terras do clã MacKenzie. Mais do que isso, ela dissera que esses homens já faziam parte do exército das Terras Altas desde a Batalha de Prestonpans, ocorrida no início da campanha.

Roger balançou a cabeça. Aquilo não fazia nenhum sentido. É bem verdade que Claire podia ter confundido a época – ela mesma dissera que não era uma historiadora. Mas seguramente não erraria o local. E como era possível que homens da propriedade de Broch Tuarach, que não haviam feito juramento de lealdade ao chefe do clã Fraser, estivessem à disposição de Simon Fraser? É verdade que lorde Lovat era conhecido como “a Velha Raposa”, e com toda razão, mas Roger duvidava que mesmo o temível conde fosse dotado de astúcia suficiente para conseguir tal proeza.

Com o cenho franzido, Roger deu partida no carro e saiu do estacionamento. Os arquivos da Casa Culloden eram tristemente incompletos; a maior parte, cartas pitorescas de lorde George Murray, queixando-se de problemas de suprimento, e coisas que ficavam bem nas exposições do museu para agradar os turistas. Ele precisava de muito mais do que isso.

– Espere aí, rapaz – advertiu a si próprio, estreitando os olhos no retrovisor ao fazer a curva. – Você tem que descobrir o que aconteceu àqueles que *não* bateram as botas em Culloden. Que diferença faz como chegaram lá, desde que tenham saído inteiros da batalha?

Mas não conseguia deixar a questão de lado. Era uma circunstância muito estranha. Os nomes se embaralhavam com enorme frequência, especialmente nas

Terras Altas, onde metade da população em determinado momento parecia ter recebido o nome de “Alexander”. Em consequência, os homens eram habitualmente conhecidos pelo nome de seu lugar de origem, assim como pelo nome do clã ou por seus sobrenomes. Às vezes, só pelo nome do lugar. “Lochiel”, um dos mais proeminentes chefes jacobitas, era na verdade Donald Cameron, *de* Lochiel, o que o distinguia perfeitamente das centenas de outros Cameron chamados Donald.

E todos os homens das Terras Altas que não tinham sido denominados Donald ou Alec, foram chamados de John. Dos três nomes da lista de Claire que ele havia encontrado nos registros de óbito, um era Donald Murray, o outro era Alexander MacKenzie Fraser e o outro, John Graham Fraser. Todos sem nenhum nome do lugar de origem anexado; apenas o nome e o regimento ao qual pertenciam. O regimento do senhor de Lovat, o regimento Fraser.

Mas sem o nome do local de nascimento, ele não podia ter certeza de que esses fossem os mesmos homens da lista de Claire. Havia pelo menos seis John Fraser na relação de mortos e mesmo isso estava incompleto; os ingleses davam pouca atenção ao rigor ou à precisão – a maioria dos registros fora compilada depois da ocorrência dos fatos, por chefes de clãs contando o número de presentes e verificando quem não voltara para casa. Muitas vezes, o próprio chefe do clã não retornara para casa, o que complicava a questão.

Passou a mão com força pelos cabelos num gesto de frustração, como se massagear o couro cabeludo pudesse estimular o cérebro. E se os três nomes *não fossem* dos mesmos homens, o mistério apenas se aprofundava. Cerca da metade do exército de Charles Stuart fora massacrada em Culloden. E os homens de Lovat estavam no meio de tudo isso, bem no centro da batalha. Era inconcebível que um grupo de trinta homens tivesse sobrevivido naquela posição sem nem uma baixa. Os homens do senhor de Lovat uniram-se mais tarde à Revolução; enquanto a deserção predominara em outros regimentos, que já serviam há tempo suficiente para ter alguma ideia do que os aguardava, os Fraser permaneceram excepcionalmente leais – e sofreram as consequências.

Um sonoro barulho de buzina vindo de trás o assustou, tirando-o de sua concentração, e ele saiu para o acostamento para deixar um caminhão grande e apressado passar num estrondo. Pensar e dirigir não eram atividades compatíveis, concluiu. Acabaria esmagado contra um muro de pedra se continuasse daquele jeito.

Ficou sentado imóvel por uns instantes, refletindo. Seu impulso natural era ir à pousada da sra. Thomas e dizer a Claire o que ele havia encontrado até agora. O fato de que isso pudesse significar mais alguns momentos na presença de Brianna Randall tornava a ideia ainda mais atraente.

Por outro lado, todos os seus instintos de historiador clamavam por mais dados. E não achava que Claire fosse a pessoa indicada para fornecê-los. Não conseguia imaginar por que ela confiara aquela tarefa a ele e, ao mesmo tempo, por que atrapalhara sua conclusão fornecendo-lhe informações erradas. Não era sensato, e Claire Randall parecera-lhe uma pessoa eminentemente sensata.

Além disso, houve aquele incidente com o uísque. Seu rosto ficou afogueado com a lembrança. Tinha certeza de que ela agira de propósito – e como não parecesse ser o tipo de pessoa que se desse a piadas bobas, sentia-se compelido a presumir que ela fizera aquilo para impedi-lo de convidar Brianna a Broch Tuarach. Ela queria mantê-lo longe do lugar ou apenas impedi-lo de levar Brianna lá? Quanto mais pensava no incidente, mais convencido ficava de que Claire Randall estava escondendo alguma coisa de sua filha, mas não conseguia imaginar o que poderia ser. Menos ainda podia imaginar que relação isso teria com ele ou com o projeto que assumira.

Desistiria da tarefa, se não fosse por dois motivos. Brianna e simples curiosidade. Queria saber o que estava acontecendo e com toda a certeza pretendia descobrir.

Batia levemente o punho cerrado no volante, pensando, ignorando a precipitação dos veículos em trânsito. Finalmente, tomada a decisão, ligou o motor outra vez e retornou à estrada. Deu a volta no trevo seguinte e rumou para o centro da cidade de Inverness, para a estação de trem.

O Escocês Voador poderia levá-lo a Edimburgo em três horas. O curador responsável pelos Arquivos Stuart fora um grande amigo do reverendo. E ele tinha uma pista para começar, por mais surpreendente que fosse. A relação dos nomes que integravam o regimento do senhor de Lovat mostrava que aqueles trinta homens estavam sob o comando de um capitão James Fraser – de Broch Tuarach. Esse homem era o único elo aparente entre Broch Tuarach e os Fraser de Lovat. Perguntou-se por que James Fraser não constava na lista de Claire.

O dia estava ensolarado; um acontecimento raro para meados de abril, e Roger procurou aproveitar ao máximo, girando a manivela para abaixar a minúscula janela do lado do motorista para que o vento refrescante zumbisse ao seu ouvido.

Tivera que pernoitar em Edimburgo e voltar tarde no dia seguinte. Ficara tão cansado da longa viagem de trem que não fizera muito mais do que tomar a sopa quente que Fiona insistira em preparar e logo em seguida desabar na cama. Hoje, no entanto, acordara com energia e determinação renovadas e, de carro, dirigira-se para a cidadezinha de Broch Mordha, próxima ao local onde ficava a proprie-

dade chamada Broch Tuarach. Se Claire Randall não queria que a filha fosse a Broch Tuarach, nada impedia que *ele* desse uma olhada no local.

Ele realmente encontrou a própria Broch Tuarach, ou assim presumia; havia uma enorme pilha de pedras desmoronadas, cercando o remanescente de uma das antigas *brochs* circulares, ou torres, usadas no passado distante tanto para moradia como para defesa. Seus conhecimentos de gaélico eram suficientes para saber que o nome significava “torre de frente para o norte” e perguntou-se distraidamente como uma torre circular pôde receber tal denominação.

Havia uma mansão e construções anexas perto dali, também em ruínas, embora em muito melhor estado do que a torre. A placa de um agente imobiliário, quase ilegível pela ação do tempo, permanecia pregada numa estaca perto do portão de entrada do pátio. Roger parou numa elevação, acima da casa, olhando ao redor. À primeira vista, não parecia haver nada que justificasse o fato de Claire querer impedir a filha de ir ao local.

Estacionou o Morris no pátio de entrada e desceu do carro. Era um belo lugar, porém muito isolado; depois que saíra da autoestrada, levava aproximadamente quarenta e cinco minutos de cuidadosas manobras para conduzir seu Morris pela estrada rural, estreita e cheia de valas, sem danificar o tanque de óleo.

Não entrou na casa; com certeza estava abandonada e provavelmente o estado precário era perigoso – não haveria nada lá dentro. Entretanto, o nome FRASER estava esculpido na verga acima da porta e o mesmo nome adornava a maioria das pequenas pedras tumulares no que devia ter sido o cemitério da família – as que eram legíveis. Isso não ajudava muito, refletiu. Nenhuma daquelas pedras ostentava os nomes dos homens da lista. Teria que prosseguir pela estrada; de acordo com o mapa rodoviário, a vila de Broch Mordha ficava a aproximadamente 5 quilômetros dali.

Como temia, a igreja da vila caíra em desuso e fora derrubada há muitos anos. Batidas persistentes nas portas provocaram olhares desinteressados, expressões avessas e, finalmente, uma especulação incerta de um fazendeiro idoso de que os antigos registros da paróquia pudessem ter ido para o museu de Fort William, ou talvez até para Inverness; havia um ministro mais acima naquela direção que colecionava esses papéis velhos.

Cansado e empoeirado, mas não desanimado, Roger arrastou-se de volta ao carro, abrigoando-se no beco ao lado do pub da vila. Esse era o tipo de empecilho que frequentemente acometia a pesquisa histórica de campo e ele já estava acostumado. Uma rápida caneca de cerveja – bem, duas, talvez, o dia estava extraordinariamente quente – e retomaria o caminho para Fort William.

Seria bem feito para ele, refletiu amargamente, se no final das buscas, visse que os registros que procurava tinham estado o tempo todo nos arquivos do reverendo. Era o que dava negligenciar seu trabalho para sair à caça do impossível só para impressionar uma garota. Sua viagem a Edimburgo pouco adiantara além de servir para eliminar os três nomes que encontrara na Casa Culloden; verificou que os três homens eram provenientes de regimentos diferentes, não do grupo de Broch Tuarach.

Os Arquivos Stuart ocupavam três aposentos inteiros, bem como incontáveis embalagens no subsolo do museu, de modo que ele dificilmente poderia alegar ter feito um estudo completo. Ainda assim, encontrara uma segunda via de uma folha de pagamentos que vira na Casa Culloden, registrando o alistamento dos homens como parte de um regimento sob o comando geral do senhor de Lovat – o filho da Velha Raposa, que teria sido o Jovem Simon. O velhaco dividira seu voto, pensou Roger; enviou o herdeiro para lutar pelos Stuart e ele próprio permaneceu em casa, alegando o tempo inteiro ter sido um súdito leal do rei Geordie. Pouco lhe adiantou.

Esse documento registrava o Jovem Simon Fraser como comandante e não fazia nenhuma menção a James Fraser. Entretanto, um certo James Fraser era mencionado em inúmeros despachos, memorandos e outros documentos do exército. Se fosse o mesmo homem, ele tinha sido bastante atuante na campanha. Ainda assim, apenas com o nome “James Fraser” era impossível saber se era o mesmo de Broch Tuarach; James era um nome tão comum nas Terras Altas quanto Duncan ou Robert. Em apenas um lugar havia um James Fraser relacionado aos nomes do meio, o que poderia ajudar na identificação, mas esse documento não fazia nenhuma menção a seus homens.

Deu de ombros, espantando com irritação uma nuvem repentina de pequeninos e vorazes mosquitos. Analisar aqueles registros de forma coerente levaria vários anos. Sem conseguir afugentar os mosquitinhos, abaixou-se e entrou no ambiente escuro do pub, típico de uma cervejaria, deixando-os girando em círculo do lado de fora, numa nuvem frenética de perplexidade.

Bebericando a cerveja amarga e fresca, reviu mentalmente os passos que dera até ali e as opções que se abriam. Ainda tinha tempo de ir a Fort William, embora significasse voltar bem tarde a Inverness. E se Fort William não oferecesse nenhum resultado, então uma boa varredura nos arquivos do reverendo seria o próximo passo lógico, embora irônico.

E depois? Esvaziou o caneco das últimas gotas de cerveja e fez um sinal para o proprietário, pedindo outro. Bem, se fosse necessário, um passeio por todo cemitério e adro de igreja nas vizinhanças de Broch Tuarach seria provavelmente o

melhor a se fazer em curto prazo. Duvidava que as Randall fossem permanecer em Inverness nos próximos dois ou três dias, aguardando pacientemente os resultados.

Enfiou a mão no bolso à procura de seu caderninho de notas, a marca registrada de todo historiador. Antes de deixar Broch Mordha, ele deveria ao menos dar uma olhada no que restava do antigo pátio de igreja. Nunca se sabe o que poderia ser encontrado e ao menos o pouparia de precisar voltar.

Na tarde seguinte, as Randall foram tomar chá com Roger a seu convite, para ouvirem o relato de seus progressos.

– Encontrei vários dos nomes de sua lista – disse a Claire, conduzindo-as ao gabinete. – É muito estranho, mas ainda não encontrei nenhum que tenha com certeza morrido em Culloden. Achei que três deles sim, mas constatei depois que eram homônimos.

Lançou um olhar à dra. Randall. Ela estava de pé, absolutamente imóvel, uma das mãos agarrada com força ao encosto de uma bergère, como se tivesse se esquecido de onde estava.

– Hã, não quer se sentar? – convidou Roger e, com um pequeno sobressalto de surpresa, ela fez um sinal com a cabeça e sentou-se abruptamente na beiradinha da poltrona. Roger a fitou, intrigado, mas continuou, apanhando sua pasta com anotações da pesquisa e entregando-a a Claire.

– Como eu disse, é estranho. Não consegui localizar todos os nomes. Acho que vou ter que fuçar os registros paroquiais e os cemitérios próximos a Broch Tuarach. Encontrei a maioria desses registros entre a papelada de meu pai. Mas seria de se imaginar que eu me depararia com um ou dois óbitos em batalha, pelo menos, considerando-se que todos estiveram em Culloden. Especialmente se, como você disse, pertenciam a um dos regimentos Fraser; quase todos eles estiveram no centro da contenda, onde a luta foi mais demolidora.

– Eu sei. – Alguma coisa em sua voz o fez voltar-se para ela, estupefocado, mas seu rosto ficou invisível quando ela se curvou sobre a escrivaninha. A maioria dos registros eram cópias, feitas à mão pelo próprio Roger, já que a exótica tecnologia de fotocópias ainda não chegara até o arquivo do governo que guardava os Arquivos de Stuart, mas havia algumas folhas originais, desenterradas do estoque de documentos do século XVIII do falecido reverendo Wakefield. Ela examinou os arquivos com delicadeza, tendo cuidado para não tocar no frágil papel mais do que o necessário.

– Tem razão, é mesmo estranho.

Agora ele percebia emoção em sua voz – era agitação, mas misturada a satisfação e alívio. De algum modo, ela já esperava – ou torcia – por isso.

– Diga-me... – Ela hesitou. – Os nomes que encontrou. O que aconteceu a eles, se não morreram em Culloden?

Ficou ligeiramente surpreso que a questão parecesse tão importante para ela, mas gentilmente pegou a pasta onde guardara suas anotações de pesquisa e a abriu.

– Dois deles estavam na relação de passageiros de um navio; emigraram para a América logo depois de Culloden. Quatro morreram de causas naturais cerca de um ano mais tarde. Não é de se admirar, houve uma terrível fome depois de Culloden, e muita gente morreu nas Terras Altas. E esse aqui eu encontrei no registro de uma paróquia, não a paróquia de onde ele era oriundo. Mas tenho quase certeza de que se trata de um dos seus homens.

Foi somente quando a tensão abandonou os ombros de Claire que ele notou que ela estivera tensa.

– Quer que eu continue procurando os demais? – perguntou ele, esperançoso de que a resposta fosse “sim”. Observava Brianna por cima do ombro da mãe. Estava parada junto à parede de cortiça, parcialmente virada, como se não estivesse interessada no projeto de sua mãe, mas podia ver uma pequena ruga vertical entre suas sobrancelhas.

Talvez pressentisse o mesmo que ele, o estranho ar de agitação contida que cercava Claire como um campo magnético. Ele o notara desde o instante em que ela entrara no aposento, e suas revelações apenas fizeram aumentá-lo. Imaginava que, se a tocasse agora, uma grande faísca elétrica saltaria entre eles.

Uma batida na porta do gabinete interrompeu seus pensamentos. A porta se abriu e Fiona Graham entrou, empurrando um carrinho de chá, inteiramente equipado com bule, xícaras, pequenos guardanapos de renda, três tipos de sanduíches, bolo de frutas com creme, pão de ló, tortinhas de geleia, bolinhos e manteiga caseira.

– Hummm! – exclamou Brianna ao ver o carrinho. – Tudo isso é para nós ou você está esperando mais dez pessoas?

Claire Randall examinou os preparativos para o chá, sorrindo. O campo magnético ainda estava lá, mas amortecido por um grande esforço. Roger podia ver uma de suas mãos apertada com tanta força nas dobras de sua saia que os contornos de sua aliança penetravam na pele.

– Este chá está tão completo que não vamos ter que comer durante semanas – disse ela. – Que maravilha!

Fiona abriu um largo sorriso de contentamento. Ela era baixa, gorda e bonita como uma pequena galinha marrom. Roger suspirou por dentro. Embora estivesse

satisfeito em poder oferecer hospitalidade a suas convidadas, tinha plena consciência de que a natureza extravagante do lanche era destinada à sua apreciação, não à delas. Fiona, de 19 anos, tinha uma premente ambição na vida. Casar-se. De preferência com um profissional. Dera uma olhada em Roger quando ele chegou uma semana antes para cuidar dos assuntos do reverendo e concluíra que um professor assistente de história era a melhor perspectiva que Inverness oferecia.

Desde então, ele vinha sendo empanturrado como um ganso de Natal, seus sapatos eram engraxados, os chinelos e escova de dente guardados, a cama arrumada, o casaco escovado e o jornal da tarde comprado e colocado ao lado do prato, o pescoço massageado quando ficava trabalhando em sua escrivaninha por longas horas e ele era alvo de perguntas constantes sobre seu conforto físico, estado de espírito e saúde em geral. Nunca antes fora exposto a tal bombardeio de prendas domésticas.

Em resumo, Fiona estava enlouquecendo-o. Seu atual estado desgredado e com a barba por fazer era mais uma reação à sua perseguição implacável do que um sinal do desleixo natural típico dos homens temporariamente livres das exigências do trabalho e da sociedade.

A ideia de estar unido a Fiona Graham pelos laços sagrados do matrimônio deixava-o enregelado até a medula. Ela o deixaria louco em um ano com seu excesso de atenções. Além disso, havia Brianna Randall, que agora fitava contemplativamente o carrinho de chá como se não soubesse por onde começar.

Mantivera sua atenção firmemente concentrada em Claire Randall e seu projeto, evitando olhar para Brianna. Claire era adorável, com o tipo de bela ossatura e pele translúcida que a faria permanecer quase a mesma aos 60 anos como era aos 20. Mas olhar para Brianna deixava-o ligeiramente ofegante.

Ostentava o porte de uma rainha, e não era curvada como a maioria das mulheres altas. Notando as costas eretas e a postura graciosa de sua mãe, podia ver de onde vinha aquele atributo em particular. Mas não a altura extraordinária, a cascata de cabelos ruivos até a cintura, com reflexos dourados e acobreados, mechas cor de âmbar e de canela, ondulando-se naturalmente em torno do rosto e dos ombros como um manto. Os olhos, de um azul tão escuro que, dependendo da luz, até pareciam negros. Nem aquela boca larga e generosa, com o lábio inferior carnudo, que convidava a beijos mordiscados e mordidas de paixão. Tudo isso deve ter sido herdado de seu pai.

No geral, Roger sentia-se até satisfeito por seu pai não estar presente, já que sem dúvida teria adotado uma indignação paternal diante do tipo de pensamentos que Roger estava cultivando; pensamentos que ele temia desesperadamente que se revelassem em seu rosto.

– Chá, hein? – disse ele calorosamente. – Esplêndido. Maravilhoso. Parece delicioso, Fiona. Hã, obrigado, Fiona. Eu, bem, acho que não precisamos de mais nada.

Ignorando a deixa nada sutil para ir embora, Fiona assentiu graciosamente em agradecimento aos elogios das convidadas, dispôs os guardanapos e xícaras com hábil economia de movimentos, serviu o chá, passou a primeira travessa de bolo e preparou-se para permanecer ali indefinidamente, presidindo a cerimônia como dona da casa.

– Passe um pouco de manteiga em seus bolinhos, Rog... quero dizer, sr. Wakefield – sugeriu ela, espalhando-a nos bolinhos sem esperar por sua resposta.

– Está magro demais, precisa se alimentar bem. – Olhou de maneira conspiratória para Brianna Randall, dizendo: – Sabe como são os homens; nunca comem direito se não tiverem uma mulher cuidando deles.

– Que sorte ele ter você para cuidar dele – respondeu Brianna educadamente.

Roger respirou fundo e flexionou os dedos várias vezes, até o ímpeto de estrangular Fiona passar.

– Fiona – disse ele. – Você poderia, hã, poderia me fazer um pequeno favor?

Ela iluminou-se como uma daquelas lanternas de abóbora usadas no Dia das Bruxas, o sorriso aberto num esgar ansioso diante da ideia de fazer alguma coisa por ele.

– Claro, Rog... sr. Wakefield! Qualquer coisa!

Roger ficou um pouco constrangido, mas afinal, argumentou, era para o bem dela tanto quanto para o dele. Se ela não saísse dali, em breve ele não conseguiria responder por seus atos e acabaria cometendo algum desatino do qual ambos se arrependeriam.

– Ah, obrigado, Fiona. Não é nada de especial; é que eu pedi um pouco de... de... – pensava freneticamente, tentando lembrar-se do nome de um dos comerciantes da vila – tabaco, da loja do sr. Buchan, na High Street. Você poderia ir lá pegá-lo para mim? Adoraria usar meu cachimbo depois de um chá maravilhoso como este.

Fiona já desamarrava o avental – um avental de rendas e babados, Roger notou com desgosto. Cerrou os olhos por um instante, aliviado, quando a porta do gabinete fechou-se atrás de Fiona, que por ora havia negligenciado o fato de ele não fumar. Com um suspiro de alívio, voltou-se para retomar a conversa com suas convidadas.

– Você estava perguntando se eu queria que procurasse o restante dos nomes da minha lista – disse Claire, quase de imediato. Roger teve a estranha impressão de que ela compartilhava seu alívio com a saída de Fiona. – Sim, gostaria muito. Se não for muito trabalho.

– Não, não! Absolutamente – disse Roger, com uma ponta de falsidade. – Com muito prazer.

A mão de Roger pairou, indecisa, acima da variedade de opções no carrinho de chá, depois se abaixou para pegar a garrafa de cristal de uísque Muir Breame doze anos. Depois do entrevero com Fiona, achava que merecia um drinque.

– Aceitam uma dose de uísque? – perguntou às convidadas amavelmente. Notando a expressão de desagrado no rosto de Brianna, acrescentou rapidamente: – Ou então um pouco de chá?

– Chá – respondeu Brianna, aliviada.

– Não sabe o que está perdendo – disse Claire à filha, inalando os vapores do uísque avidamente.

– Ah, sim, eu sei – retrucou Brianna. – É por isso que estou recusando. – Encolheu os ombros e ergueu uma das sobrancelhas em direção a Roger.

– É preciso ter 21 anos para beber legalmente em Massachusetts – explicou Claire a Roger. – Ainda faltam oito meses para Bree, de modo que ela realmente não está acostumada com uísque.

– Você age como se fosse um crime não gostar de uísque – protestou Brianna, sorrindo para Roger por cima da xícara de chá.

Ele próprio ergueu as sobrancelhas em resposta.

– Minha cara – disse ele com ar severo. – Estamos na *Escócia*. É claro que não gostar de uísque é um crime!

– Ah, é mesmo? – disse Brianna com doçura, numa perfeita imitação do sotaque escocês ligeiramente arrastado de Roger. – Bem, esperrro que não seja um crrrime capital, cerrrto?

Pego de surpresa, ele conteve uma risada enquanto engolia um trago do uísque e engasgou-se. Tossindo e batendo no peito, olhou para Claire, compartilhando a piada. Um sorriso forçado pairava nos lábios de Claire, mas seu rosto ficara completamente lívido. Então ela pestanejou, o sorriso voltou com mais naturalidade e o momento passou.

Roger surpreendeu-se com a facilidade com que a conversa fluía entre eles – tanto sobre trivialidades quanto em relação ao projeto de Claire. Brianna obviamente se interessava pelo trabalho do pai e sabia bem mais a respeito dos jacobitas do que sua mãe.

– É surpreendente como conseguiram chegar até Culloden – disse ela. – Sabia que os homens das Terras Altas venceram a batalha de Prestonpans com menos de dois mil homens? Contra um exército inglês de oito mil? Incrível!

– Bem, e a Batalha de Falkirk também foi praticamente assim – acrescentou

Roger. – Em menor número, com menos armas, marchando a pé... era de se supor que nunca conseguiriam fazer o que fizeram... mas conseguiram!

– Ahã – disse Claire, bebendo um grande gole de seu uísque. – Conseguiram.

– Estive pensando – disse Roger a Brianna, com um ar afetadamente descontraído. – Gostaria de vir comigo visitar alguns dos locais... campos de batalha e outros lugares? São interessantes e tenho certeza de que você ajudaria muito na pesquisa.

Brianna riu e ajeitou os cabelos para trás, já que pareciam ter a tendência de cair em seu chá.

– Não sei quanto à ajuda, mas adoraria ir.

– Ótimo! – Surpreso e exultante por ela ter aceitado seu convite, Roger tentou pegar a garrafa de uísque e quase a derrubou. Claire segurou-a agilmente e encheu seu copo com precisão.

– É o mínimo que posso fazer, depois de tê-lo derramado da última vez – disse ela, sorrindo em resposta aos agradecimentos de Roger.

Vendo-a agora, tranquila e relaxada, Roger inclinava-se a duvidar de suas desconfianças anteriores. Teria sido apenas um acidente, afinal? Aquele rosto calmo e atraente nada revelava.

Meia hora depois, a mesa de chá estava uma desordem, a garrafa de uísque vazia e os três sentados, compartilhando um estado de estupor de puro contentamento. Brianna remexeu-se uma ou duas vezes, olhou para Roger e por fim perguntou se poderia usar o lavabo.

– Ah, o banheiro? Claro. – Ergueu-se com esforço, sentindo-se pesado de bolo de frutas e pão de ló de amêndoas. Se não fugisse logo de Fiona, estaria pesando 150 quilos antes de voltar para Oxford.

– É do tipo antigo – explicou ele, apontando para o fim do corredor, em direção ao banheiro. – Com uma caixa d'água no teto e uma cordinha para puxar.

– Vi umas assim no Museu Britânico – disse Brianna, assentindo. – Só que não faziam parte do acervo, estavam no toailete feminino. – Hesitou, depois perguntou: – Você não tem o mesmo tipo de papel higiênico do Museu Britânico, tem? Porque nesse caso, tenho lenços de papel na bolsa.

Roger fechou um dos olhos e olhou para ela com o outro.

– Ou esse é um anacoluto muito estranho – disse ele – ou eu bebi muito mais do que pensava. – De fato, ele e Claire haviam dado conta do Muir Breame com muito sucesso, embora Brianna tivesse se limitado ao chá.

Claire riu, ouvindo a conversa, e levantou-se para entregar a Brianna várias folhas de lenços de papel que pegou em sua bolsa.

– Não vai ser papel encerado gravado com “Propriedade do Governo de Sua

Majestade”, como o do Museu, mas é provável que não seja muito melhor – disse à filha. – O papel higiênico inglês geralmente é um tanto áspero.

– Obrigada. – Brianna pegou os lenços de papel e dirigiu-se à porta, mas então virou para trás. – Por que as pessoas fariam deliberadamente um papel higiênico que parece uma lixa? – perguntou ela.

– O coração de nossos homens é de carvalho – entoou Roger –, mas o traseiro é de aço inoxidável. Fortalece o caráter nacional.

– No caso dos escoceses, imagino que funcione como um anestésico hereditário dos nervos – acrescentou Claire. – O tipo de homem que consegue montar um cavalo usando um kilt tem o traseiro duro como o couro de uma sela.

Brianna deu uma risadinha chiada.

– Detestaria ver o que usavam como papel higiênico naquela época – disse ela.

– Na verdade, não era tão ruim assim – disse Claire, causando surpresa. – As folhas do verbasco são realmente muito boas; quase tão macias quanto lenços de papel de folha dupla. E no inverno ou dentro de casa, em geral usava-se um pedaço de pano úmido; não muito higiênico, mas bastante confortável.

Roger e Brianna olharam-na boquiabertos por um instante.

– Há... li num livro – disse ela, ficando espantosamente vermelha.

Enquanto Brianna, ainda contendo o riso, afastava-se à procura do banheiro, Claire permanecia de pé junto à porta.

– Foi muita gentileza sua nos receber com tanta atenção – disse ela, sorrindo para Roger. A momentânea perturbação desaparecera, substituída por sua serenidade de costume. – E muita bondade ter descoberto o paradeiro daqueles nomes para mim.

– Foi um prazer – assegurou-lhe Roger. – Uma boa alternativa às teias de aranha e bolas de naftalina. Eu a informarei assim que tiver descoberto mais alguma coisa a respeito de seus jacobitas.

– Obrigada. – Claire hesitou, olhou para trás e abaixou a voz. – Na verdade, agora que Bree se ausentou um instante... há uma coisa que queria lhe pedir, em particular.

Roger pigarreou e ajeitou a gravata que colocara em homenagem à ocasião.

– Peça – disse ele, sentindo-se alegremente expansivo com o sucesso do chá. – Estou inteiramente ao seu dispor.

– Você perguntou a Bree se ela iria com você fazer pesquisa de campo. Eu queria lhe pedir... há um lugar onde eu preferia que você não a levasse, se não se importar.

Sinais de alarme dispararam imediatamente na cabeça de Roger. Iria descobrir o segredo sobre Broch Tuarach?

– O círculo de pedras verticais que chamam de Craigh na Dun. – O rosto de

Claire estava sério quando se inclinou um pouco mais perto de Roger. – Há uma razão importante, ou eu não lhe pediria. Eu mesma quero levar Brianna ao círculo, mas receio que não possa lhe contar a razão no momento. Contarei no devido tempo, mas não agora. Promete?

Os pensamentos corriam céleres pela mente de Roger. Então não era de Broch Tuarach que ela queria manter a jovem distante, afinal de contas! Um dos mistérios estava esclarecido, apenas para dar lugar a outro ainda maior.

– Se assim deseje – disse ele finalmente. – É claro.

– Obrigada. – Ela tocou em seu braço, levemente, e virou-se para ir embora. Vendo sua silhueta recortada contra a luz, Roger lembrou-se repentinamente de uma pergunta que queria lhe fazer. Talvez o momento não fosse o mais apropriado, mas não faria mal perguntar.

– Ah, dra. Randall... Claire?

Claire voltou-se para ele. Sem Brianna por perto para desviar sua atenção, podia ver que Claire Randall era, ela mesma, uma mulher muito bonita. Seu rosto estava afogueado do uísque e seus olhos possuíam uma cor castanho-dourada muito peculiar, como âmbar em cristal.

– Em todos os registros que encontrei relativos a esses homens – disse Roger, escolhendo as palavras com cuidado –, havia menção a um certo capitão James Fraser, que parece ter sido o líder. Mas ele não estava em sua lista. Fiquei pensando, você tinha conhecimento dele?

Ela ficou paralisada por um instante, fazendo-o se lembrar da forma como se comportara quando chegara ali naquela tarde. Mas após um instante, estremeceu ligeiramente e respondeu com aparente tranquilidade:

– Sim, eu tinha conhecimento dele – falou calmamente, mas todo o sangue fugira de seu rosto e Roger pôde notar uma palpitação rápida na base de sua garganta. – Não o coloquei na lista porque eu já sabia o que tinha acontecido com ele. Jamie Fraser morreu em Culloden.

– Tem certeza?

Como se estivesse ansiosa para ir embora, Claire pegou sua bolsa e lançou um olhar ao corredor, em direção ao banheiro, onde o chocalhar metálico de uma maçaneta antiga indicava os esforços de Brianna para sair.

– Sim – respondeu ela, sem olhar para trás. – Absoluta certeza. Ah, sr. Wakefield... quero dizer, Roger.

Virou-se de repente, fixando nele aqueles olhos de cor estranha. Naquela luz, pareciam quase amarelos, pensou; os olhos de um felino, os olhos de um leopardo.

– Por favor – disse ela –, não mencione Jamie Fraser à minha filha.

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

